

# O BORGES E O JÔ

Rubens Rodrigues Torres Fº

Ao Borges, vulgo Outro, é que acontecem as Coisas. Jô caminha pela cidade de Bons-Ares e se detém, já mecanicamente, quiçá, olhando o arco de um saguão ou uma porta envidraçada.

Do Borges, o Jô recebe notícias pelo Correio — e vê seu nome fazendo parte de uma banca de Doutoramento ou então num dicionário biográfico tipo *Who's Who*. Jô gosta de relógios de areia, da tipografia primitiva, de curtir etimologia, do gosto de café na boca, de prostrar-se com o Stevenson na esquina da Imaginação com a Florida. Outro até se liga nos mesmos lances, mas dum jeito meio vaidoso, fazendo tipo, como se pertencesse à classe teatral.

Seria sacanagem afirmar que a relação dos dois é hostil.

Jô vive — se deixa viver — para que o Borges possa urdir e tramar sua literatura. E essa literatura justifica o Jô.

Ao Jô, não lhe custa nada confessar que conseguiu escrever certas páginas válidas; mas essas páginas não têm o condão de salvá-lo, porque, talvez, o que é bom não é de Ninguém, nem do Outro sequer, se não da Linguagem e da Tradição. Jô está destinado a perder-se, de-fi-ni-ti-va-men-te, e só algum Instante dele poderá sobreviver ao Outro. Pouco a pouco os outros vão cedendo tudo ao Outro — se bem que conste ao Jô o costume perverso que este tem de falsear e magnificar.

Espinosa entendeu que todas as coisas querem perseverar no seu Ser. A pedra quer ser pedra eternamente, e o Tigre um tigre. Jô há-de permanecer no Borges, não no Jô (se é que Jô é Alguém); porém se reconhece menos nos livros do Outro que nos (*muitos*) de muitos Outros — ou no laborioso zigarreio de uma cigarra.

Anos atrás, tratou de se livrar d'Ele e passou das mitologias de arrabalde para os jogos com o Tempo e com o Infinito. Mas esses Jogos agora são do Borges, e o Jorge vai ter que bolar outros Lances.

Assim, a vida do Jorge é uma fuga — e tudo ele perde, e tudo é do Esquecimento ou do Outro.

Nem sei qual deles dois escreveu estas páginas. (Nem Um, é claro.)